

# A contribuição das mulheres para a pesquisa crítica em comunicação na América Latina

Sarah Corona Berkin

*Doutora em Comunicação pela Universidade Católica de Leuven, na Bélgica. Diretora do Centro de Estudos Latino-Americanos Avançados (CALAS) – Universidade de Guadalajara, México. É especialista em educação intercultural, comunicação e educação indígena. E-mail: corona.berkin@gmail.com*

**Resumo:** Este artigo coincide com o novo Plano do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (Conacyt) no México, intitulado “Ciência Comprometida com a Sociedade e o Meio Ambiente”.<sup>1</sup> Devido a suas características inclusivas, a autora compartilha de algumas das ideias que fazem parte da perspectiva científica que o próximo governo propõe para um novo país antes de abordar a questão das mulheres pesquisadoras, precursoras dos estudos de comunicação.

**Palavras-chave:** estudos de comunicação na América Latina; mulheres pesquisadoras; pesquisa crítica de comunicação; mulheres na academia.

**Abstract:** This article coincides with the New Plan of the National Council on Science and Technology (Conacyt) in Mexico, entitled “Science Committed to Society and the Environment.”<sup>2</sup> Due to its inclusive features, the author shares some of the ideas that are part of the scientific perspective that the next government proposes to a new country before addressing the issue of women researchers, precursors of the communication studies.

**Keywords:** communication studies in Latin America; women researchers; critical communication research; women in the Academy.

**Recebido:** 23/08/2018

**Aprovado:** 28/09/2018

1. Refiro-me ao plano de trabalho apresentado por Elena Álvarez-Buylla, responsável por propor o novo plano de apoio à ciência e à tecnologia no México após a vitória eleitoral de López Obrador. O presidente eleito em 1º de julho de 2018 com 30 milhões de votos representa o desejo do povo mexicano de uma transformação estrutural do país.

2. I am referring to the work plan presented by Elena Álvarez-Buylla, responsible for proposing the new plan to support science and technology in Mexico after the electoral victory of López Obrador. The President elected on July 1st, 2018, with 30 million votes represents the will of the Mexican people for a structural transformation of the country.

## 1. INTRODUÇÃO

Para propor a “refundação do país”, como o presidente eleito chama o novo projeto de nação, é necessário propor uma perspectiva diferente daquela que tem sido praticada na ciência e na pesquisa. Na área da comunicação, alguns pesquisadores pensaram que houve um erro ao invisibilizar a pesquisa teórica e metodológica realizada na América Latina. As universidades públicas e privadas e o financiamento e apoio à pesquisa priorizaram as teorias que vêm do Norte e que colaboraram pouco para construir países independentes, com ideias que geram conhecimento para o bem público.

O que estamos fazendo na América Latina para reconhecer nossas vozes, identificar nossos problemas e encontrar nossas soluções no campo da comunicação? Por algum tempo, caímos em uma armadilha, apontada por Jesus Martín Barbero na América Latina dos anos 1960-1970, quando a teoria já era considerada suspeita:

Da direita, porque a teoria é um luxo reservado aos países ricos, e o nosso é aplicar e consumir. Por parte da esquerda, porque os problemas “reais”, a brutalidade e a urgência das situações não dão direito ou tempo à tarefa teórica. E, no entanto, a teoria é uma das principais áreas de dependência. [...] Mas a dependência não consiste em assumir teorias produzidas “fora”; o dependente é a própria concepção de ciência, de trabalho científico e sua função na sociedade. Como em outros campos, é importante dizer que são exógenos, não os produtos, mas as próprias estruturas de produção<sup>3</sup>.

Nessa linha de reflexão, o novo Plano de Reestruturação Estratégica do Conacyt para adaptar o Projeto Alternativo de Nação (2018-2024) define assim seu ponto de partida: “Se apenas a ciência que imita ou ‘aplica’ o conhecimento gerado em outros países for favorecida, continuará sendo fomentada uma dependência científica e tecnológica no México”<sup>4</sup>. Diante dessa situação, aplaudo a proposta do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (Conacyt), que prioriza a abordagem do problema público colocando-o nos seguintes termos: investigar para “salvaguardar a soberania nacional na geração e aplicação do conhecimento científico e das tecnologias”<sup>5</sup>. Em outras palavras, a questão do desenvolvimento científico tem que passar pela autonomia para superar a subordinação científica.

Como exemplo de colonização epistemológica na América Latina, falo do campo da comunicação social, que, sendo interdisciplinar, é representativo de muitos outros, e que por ser relativamente novo, é fácil remontar a suas primeiras investigações. Falarei sobre o papel das mulheres nesses primeiros trabalhos de comunicação e mostrar a continuidade de sua invisibilidade.

A informação de Pooley e Park<sup>6</sup> mostra sinais da perda de independência científica na América Latina. Os autores estudaram um corpus de 1.600 trabalhos sobre a história da pesquisa em comunicação. Com base em uma análise geográfica, Pooley e Park constataram que mais da metade da bibliografia utilizada veio dos Estados Unidos e do Reino Unido (55%), enquanto a literatura

3. MARTÍN-BARBERO, J. *Comunicación y cultura #9*. México: Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco, 1980. p. 110.

4. ROCES, M. E. A. *Plan de reestructuración estratégica del Conacyt para adecuarse al Proyecto Alternativo de Nación (2018-2024) presentado por MORENA*. México, DF: Sociedad Mexicana de Ciencias Fisiológicas, 2018. p. 7.

5. *Ibidem*, p. 9.

6. POOLEY, J.; PARK, D. W. *Communication research*. In: SIMONSON, P. et al. *The handbook of communication history*. New York: Routledge, 2014. p. 76-90.

de países do Sul do mundo foi de 4%. Em relação aos pesquisadores predominantes, 75% eram de afiliação americana. Junto dos europeus ocidentais, eles somaram 95%. Apenas quatro nomes do resto do mundo foram tratados substancialmente: Fanon, Ludovico Silva, Martín-Barbero e García-Canclini. Sobre ressaltar que são todos homens.

O Conacyt considera a busca do autoconhecimento para avançar em áreas em que a ciência ocidental fracassou ou se mostrou limitada por desconsiderar o conhecimento de grandes grupos sociais, excluindo raças, etnias e classes sociais – e, no caso aqui abordado, o conhecimento gerado na América Latina, com ênfase na contribuição das mulheres para a construção da comunicação no continente.

Neste espaço, esclareço minha posição quanto à inclusão das mulheres na produção científica. Não me considero uma defensora das mulheres, nem dos indígenas, nem dos pobres, nem pretendo “falar pelos subalternos”, pois é justamente esse o modo de fomentar os estereótipos femininos e masculinos, raciais, étnicos e de classe social. Tentarei fazer um rápido percurso pela participação das mulheres no fluxo de pesquisa em comunicação, indo de Norte a Sul e de Sul a Norte. Exponho, como contexto, as contribuições dos pesquisadores da comunicação nas décadas de 1960 e 1970, com ênfase nas contribuições de mulheres precursoras no campo da pesquisa na América Latina.

A adoção de teorias do Norte foi vista como receita para o desenvolvimento e o progresso. A atração pelos modelos chamados na época de “economia central planejada” e o lançamento pelos EUA da Aliança para o Progresso impactaram a pesquisa com o estabelecimento de objetivos por agências de desenvolvimento, como desenvolvimento rural, treinamento para o campo, promoção da higiene e da saúde e planejamento familiar. No entanto, os conceitos e modelos de comunicação importados dos EUA tinham outro objetivo: fortalecer o próprio sistema estadunidense com pesquisa tecnológica em tempos de guerra e, em tempos de paz, expandir o mercado. Reproduzir esses modelos na América Latina em um contexto de subordinação teórica só ajudou a prolongar a situação de dependência ainda replicada em muitos dos programas das escolas de comunicação.

Por outro lado, a pesquisa latino-americana está ligada ao êxodo daqueles que fugiram durante os anos de ditaduras militares e migraram através de vários países para o México. Esse fato marcou o caminho crítico de muitas investigações que desafiaram a hegemonia científica do funcionalismo norte-americano dos anos sessenta.

Há três conceitos presentes nos anos 1960-1970 na pesquisa latino-americana. O primeiro, a *crítica do imperialismo*, representa a subversão como reconstrutora da sociedade e a libertação da dominação política, econômica e ideológica dos países capitalistas desenvolvidos. O segundo conceito, a *teoria da dependência*, contribuiu com termos para pensar a comunicação a partir de sua relação com o Norte, interpretando a dominação e a colonialidade pela primeira vez como *relação* de dominação, e não como *situação* de subdesenvolvimento. O terceiro

conceito, de *comunicación popular*, define-se como “uma opção metodológica que possibilita a verdadeira integração de pessoas e pesquisadores para conhecer e transformar sua realidade e, assim, alcançar sua liberação”, entendendo que “o desenvolvimento autêntico é um processo endógeno do próprio povo (dos grupos de base), uma vez que é ele o responsável por conduzi-lo, fazendo a pesquisa participativa adquirir sua importância como meio ou instrumento viável para promovê-lo”<sup>7</sup>.

Nesse contexto, buscou-se superar o modelo estadunidense a partir do qual a comunicação foi estudada até então. Contra os efeitos da passividade e da violência, típicos dos modelos herdados e de suas aplicações na América Latina, a nova pesquisa denunciou o capital ideológico e a situação de dependência<sup>8</sup>.

## 2. MULHERES NA ACADEMIA

Sem ser exaustiva, cito dez mulheres que pesquisaram no Sul no período que aqui nos interessa, e que são pouco ou não mencionadas nas histórias da comunicação na América Latina. Elas são Ana María Nethol, argentina radicada no México; Mabel Piccini, também argentina radicada no México; e Michèle Mattelart, francesa residente no Chile. E também Rosa María Alfaro, peruana; Marita Mata, argentina; Patricia Anzola, colombiana; Marta Harnecker, chilena; Fátima Fernández, mexicana; Anamaria Fadul, brasileira; e Susana Rotker, venezuelana.

O trabalho dessas mulheres inaugurou de diferentes maneiras o campo da pesquisa em comunicação. A partir do marxismo, a linguística francesa e a teoria da ação de Paulo Freire levaram-nas a trabalhar formas metodológicas que vale a pena destacar. Embora tenham feito pesquisas tradicionais, tais autoras logo partiram para entrevistas e, a partir daí, para a participação política de base, em rádios populares e em práticas de comunicação popular, além da democratização da comunicação.

A práxis levou essas pesquisadoras a dar forma a conceitos como “educação dialógica”, “setores populares” e “ação política”. Michèle Mattelart e Mabel Piccini começaram um estudo exploratório sobre a reação de mulheres pobres a um contexto de mudança social baseado nos usos que deram à mídia. Esse foi o início de uma série de investigações destacadas pelo uso de novas metodologias para o campo acadêmico. Mattelart e Piccini, qualificando a “onipotência” da MMC, problematizaram o conceito de “dominação” devido a seu caráter monolítico. O trabalho diário e “de baixo” das pesquisadoras questionou a “passividade” do receptor.

As pesquisadoras propuseram uma pesquisa de comunicação a partir dos sujeitos, diferentemente de seus colegas do sexo masculino, que naqueles mesmos anos trabalhavam com a comunicação do ponto de vista da economia política. Trabalhando com as bases, as autoras descobriram que os sujeitos

7. VEJARANO, G. (org.). *La investigación participativa en América Latina*. Pátzcuaro: Crefal, 1983. p. 9.

8. CORONA BERKIN, S. Flujos metodológicos desde el sur latinoamericano: la zona de la comunicación y los métodos horizontales. *Comunicación y Sociedad*, Guadalajara, n. 30, p. 69-106, set./dez. 2017.

reproduziam “a ideologia dominante” de uma maneira particular, e que elas finalmente eram ativas em sua própria subjetivação. As pesquisadoras estavam preocupadas com educação, mobilização política e divulgação da imprensa popular. No campo da comunicação científica, Marta Harnecker publicou um livro para a formação de camponeses e trabalhadores intitulado *Os conceitos elementais do materialismo histórico*, que alcançou 66 edições, com provavelmente mais exemplares publicados do que qualquer outro texto acadêmico da época.

### 3. MULHERES PROFISSIONAIS DA MÍDIA

A compreensão das múltiplas interações que caracterizam a comunicação na América Latina estava ligada ao pensamento gerado por jornalistas, editores, críticos culturais, fotógrafos e cineastas. Entre os objetivos estava dar visibilidade à vida das mulheres e formar gerações de jovens com autonomia de pensamento. A escrita foi o método de Elena Poniatowska, a partir da crônica e do jornalismo, e o de Beatriz Sarlo, crítica literária fundadora da revista *Punto de Vista*, onde novas abordagens em ciências sociais e cultura foram publicadas. Neus Espresate fundou a editora *Era*, onde autores e autoras latino-americanas foram publicadas, e Alaíde Foppa, com um grupo de mulheres acadêmicas e escritoras, como Marta Lamas e Margo Glanz, fundou a revista *FEM*. Também menciono a nicaraguense Sandra Eleta, fotógrafa do cotidiano e da comunidade utópica de Solentiname; e Victoria Santa Cruz, difusora cultural peruana dedicada a denunciar a exclusão e o racismo sofridos pelas mulheres afrodescendentes. Alguns nomes de cineastas anteriores à década de 1980 são Sara Gómez, de Cuba, Marta Rodríguez, da Colômbia, e Margot Benacerraf, da Venezuela.

A crônica, o jornalismo e a imagem eram formas de construir conhecimento não subordinado na América Latina. As vozes femininas se destacaram em diferentes mídias e foram responsáveis por destacar a diversidade de formas de olhar o mundo. O uso particular da voz feminina como voz de autoridade, em meio à ausência de protagonismo das mulheres nos anos 1960-1970, abriu caminho para a autonomia da expressão das próprias vozes.

### 4. MULHERES LUTADORAS SOCIAIS

Conhecer a relação das mulheres com o Estado é uma questão ainda pendente. No caso da pesquisa em comunicação na América Latina, percebe-se por um lado uma relação de dependência e paternalismo e, por outro, também de delegação de tarefas específicas do Estado às mulheres em setores como saúde, educação, direitos humanos e comunicação comunitária. Nesse sentido, o processo de constituição da mulher como sujeito político passou por essa dupla relação.

O trabalho de pesquisa-ação, desde os anos 1970, tem sido um elemento-chave na estruturação da ação das mulheres latino-americanas. As organizações de mulheres surgidas na década de 1960, as organizações dos centros e redes de mulheres de educação popular e comunicação alternativa, que realizam trabalhos de capacitação em diversas áreas – liderança, assistência social, educação, uso dos meios de comunicação populares, como o rádio, as fotonovelas e a imprensa operária – conseguiram afastar-se do tradicional relacionamento de dependência com o Estado. O resultado foi que mulheres ativistas no campo reivindicaram poder e participação política para intervir em programas dedicados a elas, a partir de autoridades nacionais e internacionais.

A linha metodológica de pesquisa-ação, ou pesquisa participativa, confrontaram-se nos anos 1960-1970 com pesquisas que priorizavam questões relacionadas ao controle populacional e à “integração” das mulheres ao desenvolvimento. Essas investigações, originadas no Norte e financiadas por fundações e ONGs de países centrais, foram abundantes nesse período, e diante delas as práticas de comunicação popular, como parte de um projeto emancipatório, buscavam a liberação dos setores sociais que sofrem qualquer tipo de dominação. Os canais de participação e luta foram a comunicação sindical e comunitária, a comunicação indígena e as vozes que emergiram da resistência e da guerrilha.

Como exemplo, temos o Centro da Mulher Peruana Flora Tristán, criado em 1979 como uma associação civil. Sua missão é “combater as causas estruturais que restringem a cidadania das mulheres e/ou afetam seu exercício, propondo-se influenciar a expansão das políticas e processos de cidadania e desenvolvimento das mulheres para que respondam aos critérios e resultados de equidade e justiça de gênero”.

Há também o Grupo Rosca, com a participação de María Cristina Fals Borda, cujo trabalho etnográfico foi adaptado a uma brochura gráfica com conteúdo teológico-político, materializando o que Orlando Fals Borda chamou de pesquisa-ação. Esta pesquisa-ação buscou promover uma práxis ecumênica de libertação para envolver os cristãos na luta camponesa e superar a instrumentalização positivista que reificou as coletividades estudadas. Citamos ainda Elizabeth Jelin, argentina que trabalhou com mineiros na Bolívia, Maruja Barrij, no Peru, e Imelda Vega Centeno, com a Teologia da Libertação na Colômbia, alguns nomes de mulheres que trabalharam com populações.

## 5. A EXCLUSÃO DE AUTORAS EM REVISTAS CIENTÍFICAS

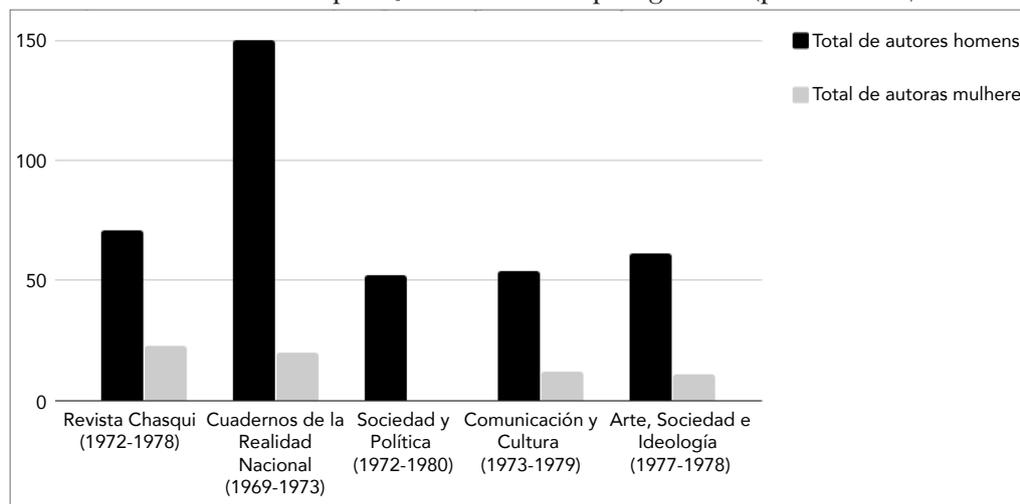
Como um breve exemplo da dinâmica da exclusão, neste caso por gênero, analisei 5 periódicos<sup>9</sup> dos mais conhecidos dos 60-70 anos na América Latina em temas como comunicação, sociedade e cultura, com os seguintes resultados:

9. *Sociedad y Política*, do Peru; *Arte, Sociedad e Ideología*, do México; *Comunicación y Cultura*, de Santiago do Chile; *Buenos Aires e México*; *Cuadernos de la Realidad Nacional*, de Santiago do Chile; e *Chasqui*, de Quito, Equador.

**Tabela 1: Publicações de mulheres autoras 1970-1980**

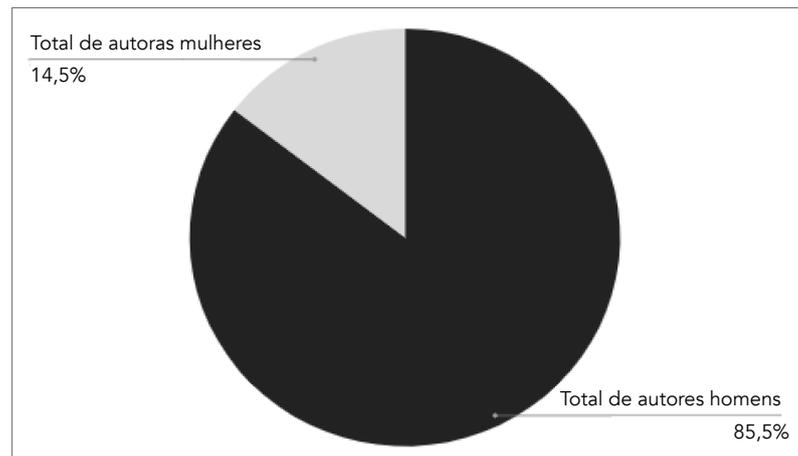
| Nome da revista e período analisado                  | Números publicados durante o período especificado | Total de textos publicados | Textos em que apenas mulheres intervêm | Textos em que apenas homens intervêm |
|--|---|----------------------------|--|--------------------------------------|
| <i>Revista Chasqui</i> (1972-1978)                   | 21  | 71                         | 12                                     | 58                                   |
| <i>Cuadernos de la Realidad Nacional</i> (1969-1973) | 16  | 140                        | 10                                     | 125                                  |
| <i>Sociedad y Política</i> (1972-1980)               | 10  | 51                         | 0                                      | 51                                   |
| <i>Comunicación y Cultura</i> (1973-1979)            | 6   | 61                         | 7                                      | 52                                   |
| <i>Arte, Sociedad e Ideología</i> (1977-1978)        | 6   | 69                         | 11                                     | 58                                   |
| <b>TOTAL</b>   | <b>59</b>   | <b>392</b>                 | <b>40</b>                              | <b>344</b>                           |

**Gráfico 1: Comparação de autores por gênero (por revistas)**



Na Tabela 1 e nos Gráficos 1 e 2, podemos observar a diferença dos artigos publicados pelo gênero dos autores. Enquanto dos 392 artigos analisados 85,5% eram de autores homens, apenas 14,5% eram de mulheres. Deve-se notar o caso da revista *Sociedad y Política*, que em oito anos analisados não publicou uma única autora. Também o caso da revista *Arte, Sociedade e Ideología* que, em 11 publicações de mulheres autoras, 8 eram de fato revisões feitas por elas de livros, principalmente de autores homens.

**Gráfico 2:** Comparação de autores por gênero (porcentagens)



Embora tenhamos nos referido anteriormente aos periódicos publicados entre 1969 e 1980, período em que as teorias críticas de comunicação e cultura na América Latina começaram a ser abordadas, as mulheres ainda não atingiram a visibilidade desejada para se ter uma situação considerada de equidade. As matrículas nacionais de mulheres nas escolas de comunicação é muito ampla, em certos lugares excedendo às dos homens. As mulheres também aumentam sua produção em periódicos, como na revista *Comunicación y Sociedad*, que em seu último censo mostrou que de 209 textos científicos publicados entre 2004 e 2016, 56% eram de autores homens e 44% de mulheres<sup>10</sup>. Entretanto, como pode ser visto na Tabela 2 e no Gráfico 3, as contribuições das mulheres são menos conhecidas, e seu impacto é mínimo em teses e nos periódicos em que publicam. Em revisão publicada no número 30 da referida revista (o mesmo que trouxe o censo), verificou-se que o número de referências bibliográficas de autoras mulheres foi menor: das 310 referências, 226 eram de autores homens e apenas 84 de mulheres. A exclusão das mulheres no campo da pesquisa e na construção do conhecimento também é exercida a partir de baixo: mulheres investigam e publicam, mas suas contribuições continuam em segundo plano, sem visibilidade.

Para terminar: o que perdemos quando nos esquecemos do Sul?

Claro, perdemos a força da resistência e do pensamento crítico e autônomo; em outras palavras, perdemos a capacidade de negociar nossa própria identidade como pesquisadores de comunicação. Mas também esquecemos a diversidade de perspectivas geradas em múltiplos contextos na América Latina e, como no caso das contribuições das mulheres, a dos jovens, indígenas, camponeses e pobres desaparece diante do conhecimento gerado em pesquisas padronizadas. O perigo da exclusão tem sido apontado, por exemplo, no que diz respeito às línguas: quando uma se perde, também se perde o conhecimento vindo dela, pois o que essa língua nomeava acaba esquecido. Se não desenvolvermos e atualizarmos a linha de pesquisa que vem do Sul, perdemos parte do conhecimento em comunicação que geramos a partir da América Latina. Isso contribui para a visão holística, para a visão da água, como a chamam os indígenas Wixáritari, para

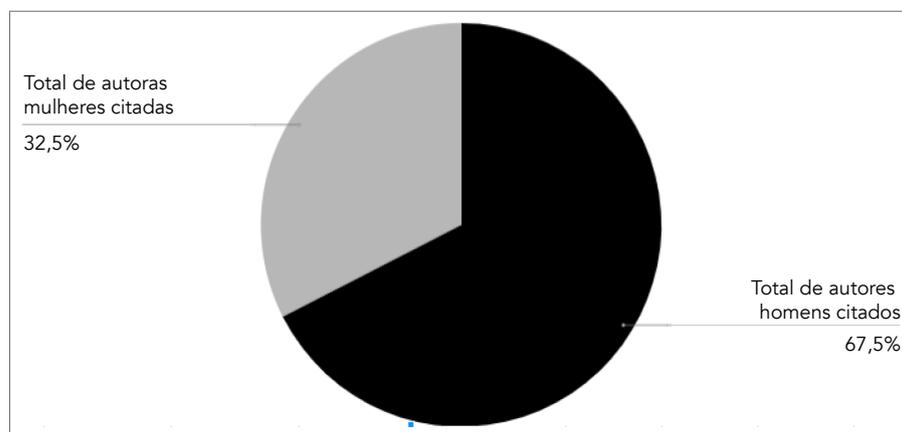
10. GÓMEZ-RODRÍGUEZ, G.; MORELL, A. E.; GALLO-ESTRADA, C. 30 años de *Comunicación y Sociedad*: cambios y permanencias en el campo académico de la comunicación. *Comunicación y Sociedad*, Guadalajara, n. 30, p. 17-44, set./dez. 2017.

a visão panorâmica que se buscou construir no Sul a partir dos anos 1960-1970. Ignorar o conhecimento construído por mulheres pesquisadoras empobrece nosso conhecimento. A dissociação entre conhecimento teórico e práxis nos levou à triste submissão às teorias do Norte, aplicando teorias estrangeiras e transformando nossos jovens em fábricas não autorizadas de produção teórica.

### Tabela 2: Nomeações de autores por gênero

| Nome da revista e período analisado               | Total de autores homens citados | Total de autoras mulheres citadas |
|---|---------------------------------|-----------------------------------|
| <i>Comunicación y Sociedad</i> (Setembro de 2017) | 405                             | 195                               |

Gráfico 3: *Comunicación y Sociedad* – comparação de autores citados por gênero (porcentagens)



Como fazer a mudança da posição científica na pesquisa em comunicação para nos posicionarmos contra o colonialismo externo e interno, contra a exclusão das mulheres, dos latino-americanos e dos conhecimentos indígenas? Quais são esses diversos conhecimentos sobre comunicação de diversas sociedades, e como abordá-los? Como tornar visíveis as teorias e metodologias que nos permitem o desenvolvimento da autonomia latino-americana, uma vez que o pensamento subalterno apenas nos impôs a subordinação?

Acho que podemos começar com a frase: *nihil de nobis, sine nobis*, “nada sobre nós, sem nós”, inventada no século XV para expressar o triunfo da transferência da autoridade do monarca ao Parlamento, em outras palavras, da autoridade individual do conhecimento à autoridade do conhecimento de todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFARO, Rosa María. La universidad y la realidad social: de las prácticas académicas a las prácticas sociales. **Boletín Felafacs**, Medellín, n. 13, p. 12-17, 1986.

ANZOLA, Patricia. **Las facultades de comunicación social y la investigación**. Colombia: Sin, 1978.

CHRISTLIEB, Fátima Fernández. **Información colectiva y poder en México**. 1975. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Técnicas da Informação) – Universidad Iberoamericana, México, DF, 1975.

CONSEJO DE EDUCACIÓN DE ADULTOS DE AMÉRICA LATINA. **Identidad comunicativa y propuesta alternativa para la mujer**: memoria de seminario. Lima, 1993.

CORONABERKIN, Sarah. Flujos metodológicos desde el sur latinoamericano: la zona de la comunicación y los métodos horizontales. **Comunicación y Sociedad**, Guadalajara, n. 30, p. 69-106, set./dez. 2017.

FADUL, Anamaria. **Novas tecnologias de comunicação**: impactos políticos, culturais e sócio-econômicos. São Paulo: Summus. 1986.

GÓMEZ-RODRÍGUEZ, Gabriela; MORELL, Arley Enrique; GALLO-ESTRADA, Cristina. 30 años de Comunicación y Sociedad: cambios y permanencias en el campo académico de la comunicación. **Comunicación y Sociedad**, Guadalajara, n. 30, p. 17-44, set./dez. 2017.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. **Explotados y explotadores**. Santiago: Akal, 1972. (Cuaderno de Educación Popular, 1).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Comunicación y cultura #9**. México: Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco, 1980.

MATA, María Cristina; AZEVEDO, Patricia; BARRANDEGUY, Cristina. Memoria y acción popular (notas sobre un trabajo en curso en la Argentina). In: CANCLINI, Néstor García; ROCAGLIOLO, Rafael (ed.). **Cultura transnacional y culturas populares**. Lima: IPAL, 1986.

MATTERLAT, Michèle. El nivel mítico de la prensa pseudoamorosa. **Cuadernos de la Realidad Nacional**, Santiago, n. 3, p. 221-229, 1970.

NETHOL, Ana María. Lingüística y comunicación social. **Arte, Sociedad e Ideología**, 1977.

PICCINI, Mabel. El cerco de las revistas de ídolos. **Cuadernos de la Realidad Nacional**, Santiago, n. 3, p. 179-220, 1970.

POOLEY, Jefferson D.; PARK, David W. Communication research. In: SIMONSON, Peter et al. **The handbook of communication history**. New York: Routledge, 2014. p. 76-90.

ROCES, María Elena Álvarez-Buylla. **Plan de reestructuración estratégica del Conacyt para adecuarse al Proyecto Alternativo de Nación (2018-2024) presentado por MORENA**. México, DF: Sociedad Mexicana de Ciencias Fisiológicas, 2018.

ROTKER, Susana. **Isaac Chocrón y Elisa Lerner**: los transgresores de la literatura venezolana: reflexiones sobre la identidad judía. Caracas: Fundarte, 1991.

VEJARANO, Gilberto (org.). **La investigación participativa en América Latina**. Pátzcuaro: Crefal, 1983.

